

## COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA): O QUE SUSTENTA A COMUNIDADE?

### COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE (CSA): WHAT DOES THE COMMUNITY SUSTAIN?

### COMUNIDAD QUE APOYA LA AGRICULTURA (CSA): ¿QUÉ SOSTIENE LA COMUNIDAD?

Angelina Moreira Melo<sup>1</sup>  
Alair Ferreira de Freitas<sup>2</sup>  
Daniel Calbino<sup>3</sup>

#### RESUMO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um fenômeno mundial em expansão, baseado na comercialização de produtos agroecológicos. Fundada em princípios de confiança e reciprocidade, busca-se a construção de um trabalho no senso de comunidade. Nesse contexto, o artigo teve por objetivo compreender, à luz das representações sociais, como CSAs se organizam e incidem na construção de comunidades para operacionalizar suas ações e sustentar a dinâmica e os princípios dessas experiências. Por meio de uma investigação qualitativa em duas organizações, os resultados indicaram que os agricultores e coprodutores que se mantiveram próximos da organização do trabalho apresentaram maior sentimento de comunidade do que aqueles se limitaram as relações de compra e venda. Ademais, a CSA que adotou práticas no esforço de constituir relações solidárias e de cooperação, registrou menor rotatividade e perda econômica, o que se pode concluir que o sentimento de comunidade é um relevante elemento para a sustentabilidade de organizações solidárias em contextos mercantis.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. CSA. Organizações Solidárias.

#### ABSTRACT

The Community Sustaining Agriculture (CSA) is an expanding worldwide phenomenon, based on the commercialization of agroecological products. Founded on principles of trust and reciprocity, the aim is to build work in a sense of community. In this context, the article aimed to understand, in the light of social representations, how CSAs organize themselves and influence the construction of communities to operationalize their actions and sustain the dynamics and principles of these experiences. Through a qualitative investigation in two organizations, the results indicated that farmers and co-producers who remained close to the work organization had a greater sense of community than those who limited themselves to

<sup>1</sup>Mestre em Extensão Rural. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Minas Gerais. Brasil. E-mail: [angelinamoreiramel@hotmai.com](mailto:angelinamoreiramel@hotmai.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9959-3114>.

<sup>2</sup>Doutor em Administração. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Minas Gerais. Brasil. E-mail: [alair.freitas@ufv.br](mailto:alair.freitas@ufv.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6770-6030>.

<sup>3</sup>Doutor em Administração. Universidade Federal de São João del Rei. Sete Lagoas. Minas Gerais. Brasil. E-mail: [dcalbino@ufsj.edu.br](mailto:dcalbino@ufsj.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8260-6126>.

buying and selling relationships. In addition, the CSA, which adopted practices in the effort to establish solidary and cooperative relationships, recorded lower turnover and economic loss, which can be concluded that the feeling of community is a relevant element for the sustainability of solidary organizations in mercantile contexts.

**Keywords:** Social Representation. CSA. Solidarity Organizations.

## RESUMEN

La Agricultura de Sostenimiento Comunitario (CSA) es un fenómeno mundial en expansión, basado en la comercialización de productos agroecológicos. Fundada en principios de confianza y reciprocidad, el objetivo es construir trabajo en un sentido de comunidad. En ese contexto, el artículo tuvo como objetivo comprender, a la luz de las representaciones sociales, cómo las ASC se organizan e inciden en la construcción de comunidades para operacionalizar sus acciones y sustentar las dinámicas y principios de estas experiencias. A través de una investigación cualitativa en dos organizaciones, los resultados indicaron que los agricultores y coproductores que se mantuvieron cercanos a la organización del trabajo tenían un mayor sentido de comunidad que aquellos que se limitaban a relaciones de compra y venta. Además, la CSA, que adoptó prácticas en el esfuerzo por establecer relaciones solidarias y cooperativas, registró menor rotación y pérdida económica, por lo que se puede concluir que el sentimiento de comunidad es un elemento relevante para la sostenibilidad de las organizaciones solidarias en contextos mercantiles.

**Palavras chave:** Representación social. CSA. Organizaciones solidarias.

**Como citar este artigo:** MELO, Angelina Moreira; FREITAS, Alair Ferreira de; CALBINO, Daniel. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): o que sustenta a comunidade?. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, p. 539-562, 19 set. 2022. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v12.3567>

**Artigo recebido em:** 25/02/2021

**Artigo aprovado em:** 01/09/2022

**Artigo publicado em:** 19/09/2022

## 1 INTRODUÇÃO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um sistema de abrangência internacional que surgiu no Japão, na década de 1960, e desde então tem percorrido o mundo. Iniciado na Europa no ano de 1970 e nos Estados Unidos em 1985, passou por transformações e se reconfigurou, adaptando-se aos novos contextos e ganhando visibilidade. No Brasil, esse sistema foi implantado no ano de 2011 no estado de São Paulo e encontra-se atualmente em um processo de expansão pelo país.

Para a organização e funcionamento desse sistema, os consumidores passam a ser denominados de coproductores, uma vez que participam dos riscos e benefícios da produção. Ao se comprometerem em realizar um pagamento mensal e antecipado, possibilitam que os agricultores obtenham o capital necessário para a manutenção dos plantios sem necessidade de acesso a algum tipo de linha de financiamento. Em contrapartida, os agricultores fornecem,

semanalmente, a sua produção para os coprodutores sob a forma de cestas de hortaliças, sendo produtos frescos, da estação e produzidos de forma agroecológica (COOLEY; LASS, 1998; CASTELO BRANCO et al., 2011; CSA BRASIL, 2017).

A CSA busca ir além de uma relação instrumental de venda direta entre agricultores e consumidores. O objetivo é a construção de um trabalho coletivo baseado em um senso de comunidade, fundado em laços de confiança e pertencimento, permitindo que agricultores e coprodutores assumam funções específicas para a manutenção do sistema. A CSA, portanto, caracteriza-se pela sua contraposição ao modelo mercantil agroalimentar, que devido ao processo de industrialização da produção agrícola, passou a priorizar a durabilidade da vida na prateleira e a desterritorialização dos alimentos, distanciando produção e consumo (FRIEDMANN, 1993; WILKINSON, 2002; TRICHES; SCHNEIDER, 2015).

Entretanto, constituir e operacionalizar um modelo de sistema alimentar alternativo, baseado na integração entre produtores e consumidores, orientados pela formação de uma “comunidade”, sinaliza um fenômeno social complexo e multidimensional. Apesar dos pressupostos valorativos e das orientações normativas definidas pelo movimento global CSA, na prática, as experiências encontram muitos desafios para desenvolver a atividade econômica e ativar a noção de comunidade impetrada em seu nome, buscando, assim, não se tornar apenas um circuito comercial de venda de alimentos naturais. Ao mesmo tempo em que autores como Lamb (1994) e Attra (2006) salientam a importância da comunidade para que haja o desenvolvimento dos pressupostos da CSA, há autores como Groh e McFadden (1997), Lang (2010) e O’Hara e Stagl (2002) que evidenciam empiricamente as dificuldades na sua constituição, uma vez que as relações construídas entre os participantes são geralmente frágeis e podem resultar em comportamentos individualistas que reproduzem um sistema de economia mercantil.

Aí reside uma importante lacuna nos estudos sobre CSA, dentro e fora do Brasil (MELO; FREITAS; CALBINO, 2020). Como apontaram esses autores, grande parte da escassa literatura sobre essas experiências<sup>4</sup> descreve o processo de produção e venda de alimentos, salientando a integração entre produtores e consumidores e destacando-as como “alternativas” no e ao sistema agroalimentar convencional. Pouco há de problematização sobre o sentido de “comunidade” que nomina as experiências e sobre a natureza do processo organizativo que viabiliza esse circuito curto de comercialização de alimentos naturais e saudáveis.

Este artigo se inscreve nesse íterim. A partir da lente teórica do conceito de Representações Sociais, a pesquisa que deu origem a este trabalho orientou-se pelo questionamento: As experiências das CSAs resultam na constituição de uma comunidade para os seus participantes? Para responder essa pergunta, este artigo tem por objetivo compreender, à luz das representações sociais, como CSAs se organizam e incidem na construção de comunidades para operacionalizar suas ações e sustentar a dinâmica e os princípios dessas experiências.

---

<sup>4</sup>Em uma revisão da literatura realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses da Capes (BDTD) foram encontrados um total de 12 trabalhos entre dissertações (10) e teses (2) publicadas entre os anos de 2016 a 2020 e nenhuma dessas pesquisas analisam a comunidade no âmbito da CSA. Quanto aos artigos nacionais, poucos foram identificados e em sua grande maioria já contidos nas pesquisas acadêmicas (MELO; FREITAS; CALBINO, 2020).

Para revelar respostas acerca desta questão, que se mostrou importante tanto empírica como teoricamente, duas experiências foram analisadas no estado de Minas Gerais e se destacaram por sua singularidade. A CSA Nossa Horta, ainda em funcionamento, é a primeira do estado. Localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, ela foi implementada a partir da iniciativa da sociedade civil, com forte participação dos coprodutores em sua gestão. Já a CSA de Sete Lagoas, que encerrou suas atividades no final de 2019, possuía um histórico de políticas públicas de agricultura urbana, marcada por hortas comunitárias. Implantada e gerida exclusivamente pelos agricultores, esta CSA apresentou, em sua trajetória uma diversidade de conflitos, os quais ilustram os desafios da “comunidade” neste tipo de organização.

Pole e Gray (2013) reforçam a importância de se investigar o que tem ocorrido com o C da CSA, considerando que uma visão mais completa desse sistema perpassa a realização de trabalhos empíricos que analisem a comunidade, utilizando um escopo analítico que desvele as particularidades de cada grupo, a partir do local no qual estão inseridos. Portanto, analisar o senso de comunidade nessas realidades distintas tem o potencial de preencher uma lacuna na literatura e subsidiar novos estudos nessa agenda de pesquisa e intervenções e políticas públicas para fortalecer esse tipo de experiência.

## 2 SURGIMENTO, DEFINIÇÕES E FORMATO ORGANIZACIONAL DA CSA

A CSA surgiu em 1960, no Japão, quando um pequeno grupo de mulheres, preocupadas com o aumento da importação de comidas e uso de pesticidas nos alimentos, propuseram para um agricultor local que produzisse vegetais e frutas diretamente para elas (BOUGHERARA et al., 2009; WELLS; GRADWELL, 2001). A parceria entre o agricultor e o consumidor, deu origem ao termo *Teikei*, que em livre tradução significa cooperação. O *Teikei* foi pensando para além de uma forma instrumental de compra e venda de produtos agroecológicos. Ele se colocou como uma filosofia de vida que repensa a produção e consumo de alimentos e a posição dos produtores e consumidores no sistema agroalimentar.

Essas experiências se multiplicaram a partir da América do Norte e Europa durante as décadas 1980 e 1990, atingindo mais de mil projetos até o final do milênio. A grande maioria foi realizada em pequenas fazendas familiares que, cultivando vegetais orgânicos ou biodinâmicos<sup>5</sup>, atraíram membros da área urbana mais próxima, abarcando uma média de 30 a 50 parceiros (URGENCI, 2018). Em quase duas décadas, as CSAs cresceram gradualmente, atingindo o nível de um movimento global (HENDERSON; VAN EN, 2007; MCFADDEN, 2004). No ano de 2004, na cidade Aubagne, na França, houve a criação da Rede Internacional de Agricultura Apoiada pela Comunidade (URGENCI) que funciona como uma associação que busca conectar as CSAs ao redor do mundo por meio de um site que divulga relatórios das experiências e realizam simpósios internacionais.

A primeira experiência de CSA no Brasil surgiu a partir da leitura do livro “*Farms of Tomorrow – Community Supported Farms – Farms Supported Community*” (GROH, 1997), no qual são descritas experiências de agricultura biodinâmica de forma coletiva (YAMAMOTO,

---

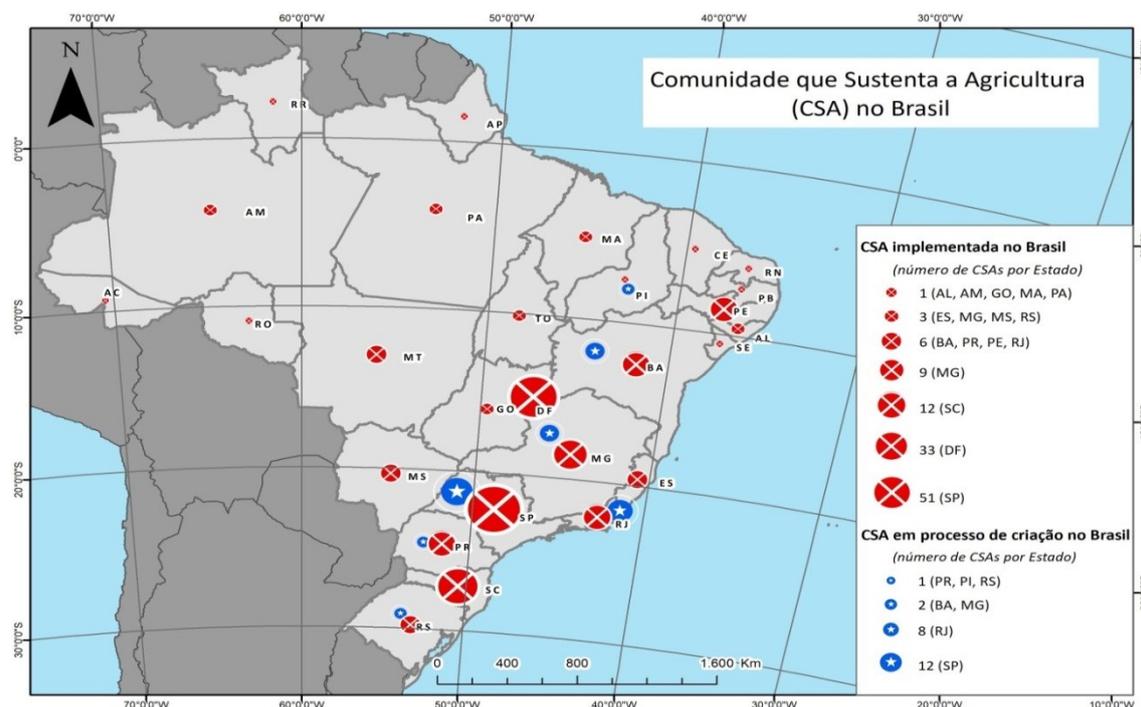
<sup>5</sup>A Agricultura Biodinâmica é um modelo agrícola de produção, como a agricultura orgânica, que não utiliza adubos químicos, venenos herbicidas, sementes transgênicas, antibióticos ou hormônios. Porém, diferente da agricultura orgânica, a bionâmica inclui vários conceitos esotéricos desenvolvidos a partir das ideias de Rudolf Steiner.

2006). O livro foi a inspiração para a implementação da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO), em 1997, na cidade de Fortaleza, que permaneceu em atividade por cerca de 10 anos.

No ano de 2011, Hermann Pohlmann, após sua vivência como cofundador da rede alemã de projetos “*make CSA*”, contribuiu significativamente para a constituição da CSA Demétria, implementada inicialmente na cidade de Botucatu – São Paulo. No mesmo ano, no Fórum Mundial Social em Porto Alegre, o conceito CSA foi apresentado como um dos favoritos e com grande potencial no âmbito dos processos de reconfiguração do sistema alimentar (ABELN, 2015). A partir dessas experiências, as CSAs se espalharam pelo Brasil, atingindo diferentes regiões. Em 2015 foi criada a Associação Comunitária CSA Brasil, que contribuiu para a formação de novos grupos em todo o país (Figura 1) (TORRES, 2017; CSA BRASIL, 2018).

O mapa das CSAs no Brasil foi construído a partir de dados da CSA Brasil<sup>6</sup>, da Rede CSA Brasília e dados dos autores. Pode-se verificar que atualmente o país possui 115 CSAs espalhadas por 17 estados e 23 CSAs em processo de criação em 07 estados diferentes. Ressalta-se que os números identificados podem ser ainda maiores, tendo em vista que a CSA Brasil só quantifica as experiências que se associam a ela.

Figura 01 – Mapa das CSAs no Brasil



Fonte: Elaboração própria (2021).

<sup>6</sup>Links para acesso a CSA Brasil e a Rede CSA Brasília, respectivamente.

CSA Brasil: <https://www.google.com/maps/d/embed?mid=1LySgImg8tVgKoDBz5NtlnVXgsL0&ll=-17.058983733415523%2C-47.46161989999996&z=4>

Rede CSA Brasília: <https://csabrasilia.wordpress.com/csabrasilia/rede-csa-brasilia/>

Quanto aos formatos organizacionais da CSA, Swisher et al. (2012) identificaram pelo menos três modelos distintos: (i) a produção não é de responsabilidade de um agricultor proprietário da terra, todos os membros constituem uma aliança baseada na corresponsabilidade pela terra e pela produção.; (ii) os consumidores contribuem com uma parte importante da força de trabalho, porém existem os agricultores que são proprietários das terras; (iii) os agricultores são os donos da terra, e os consumidores promovem o capital por meio da compra de cestas de produtos. Este último formato é o mais comum entre as iniciativas de CSA no Brasil e no mundo.

Apesar das distintas formas de organização e gestão, as CSAs se conectam por pressupostos que as diferenciam dos circuitos mercantis e das relações de vendas tradicionais. Agrega-se um sentido solidário e participativo no processo de comercialização. O consumidor que participa da CSA almeja por quantidade e qualidade (questionável) a preços justos. Nesse movimento, o elo consumidor “solidário” admite pagar um sobrepreço em relação à média do mercado, por agregar o sentido solidário ao produto e oferecer melhores condições comerciais ao agricultor, visando propiciar-lhe um padrão de vida mais adequado e oportunidade de continuar a produção de forma sustentável (GUZZATTI et al., 2014).

Em contrapartida, os membros consumidores da CSA são intitulados de coprodutores, pois assumem a compreensão de onde vêm os produtos, como são plantados e quem os produz. A rastreabilidade dos produtos está associada ao conhecimento mútuo e à confiança estabelecida por meio da proximidade entre produtores e consumidores. Esse formato estabelece uma conexão intitulada de “comunidade”, uma vez que, preocupados com a origem e natureza dos alimentos, manifestam um envolvimento cívico, em defesa da agricultura local e familiar, compartilhando valores, significados e responsabilidades sociais, ambientais e econômicas (DELIND; FERGUSON, 1999).

Deve-se considerar também que a CSA tem um potencial de alavancar a economia local e dar seguridade para os agricultores familiares, por facilitar com que o dinheiro gasto na produção e comercialização circule mais próximo da região de produção (LAMB, 1994; ECKERT, 2016). Os consumidores passam a contar com o suporte e proteção do suprimento de comidas regionais, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos das condições ambientais e produtivas às quais os alimentos são produzidos (LAMB, 1994). Esses autores destacam, assim, que a CSA pode ser um vetor para o desenvolvimento local sustentável.

## 2.1 A COMUNIDADE NO ÂMBITO DA CSA

A comunidade é um tema analisado desde a sociologia clássica, sobre diferentes perspectivas. O conceito está relacionado no tempo e espaço, pois no âmbito do tempo é que são firmadas as relações sociais que perduram e podem gerar vínculos de pertencimento, amizade, afinidade, reciprocidade e coesão. Quanto ao espaço, sugere-se a proximidade espacial (geográfica), como um elemento de relevância para que nessa área sejam desenvolvidas as relações sociais.

Leandro (2008) aponta que ao pensar no termo comunidade, pode-se compreendê-lo também pelo sentimento de pertencimento. Conforme afirmam McMillan e Chavis (1986, p.8), o senso de comunidade é definido como “um sentimento que os membros têm de pertencer, um sentimento de que os membros são importantes uns para os outros e para o grupo, é uma fé

compartilhada”. Segundo os autores, há quatro elementos que podem ser utilizados para perceber o senso de comunidade, sendo eles: (i) participação; (ii) influência; (iii) integração e satisfação de necessidade e (iv) conexão emocional compartilhada. Esses elementos são percebidos através de uma dimensão relacional, de forma a compreender as percepções individuais de cada membro.

No âmbito da CSA, a comunidade é definida em sua nomenclatura (Comunidade que Sustenta a Agricultura), na qual a palavra é introduzida partindo da ideia da sua constituição para sustentar a agricultura:

CSA representa um loco relevante para atrair a responsabilidade civil nas relações econômicas e para montar uma rede de relações sociais de solidariedade entre agricultores e consumidores, construindo comunidades socialmente mais justas e sustentáveis ao negociar termos justos tanto com vizinhos quanto com pessoas de regiões distantes (URGENCI, 2019, Tradução nossa).

Da mesma forma, em um projeto internacional financiado pela União Europeia, intitulado “*Be Part of CSA: Supporting booklet for training Community Supported Agriculture*”, a comunidade é apresentada como um dos quatro princípios da CSA: (i) produzir um sistema de alimentos locais e justos para restaurar a soberania alimentar local; (ii) defender a saúde através de alimentos que sejam saudáveis e minimamente processados, sem produtos químicos e aditivos; (iii) construir comunidades que sejam socialmente justas, com responsabilidade cívica nas relações econômicas para se estabelecer uma rede de solidariedade entre agricultores e consumidores; (iv) abordar questões ambientais e de mudança climática na construção harmônica entre o homem e a natureza (URGENCI, 2018).

O sistema CSA enfatiza que a constituição da comunidade é essencial para que agricultores se disponham a produzir de forma agroecológica e diretamente para um grupo de consumidores que estejam dispostos a participar dos riscos da produção e serem coprodutores. As ações que podem contribuir para se aproximar dos ideais de uma comunidade são elucidadas a partir da comunicação entre os membros como a base para que seja desenvolvida a confiança e a parceria, pois ao se comunicar o grupo cria laços e mantém uma interação de forma a tornar evidente tudo o que se passa na CSA. Ênfase também é dada nas reuniões para que o planejamento da CSA seja comum a todos e não haja concentração de decisões e tarefas. Ressalta-se ainda o trabalho voluntário dos coprodutores nas propriedades produtoras de alimentos para construir um elo mais forte entre o consumidor e o agricultor, bem como a organização de eventos para a confraternização da CSA e a troca de experiências (PERÉNYI et al, 2016).

Esses elementos transmitem a ideia de que a comunidade pode ser constituída a partir do envolvimento e integração dos membros nas atividades da CSA. A comunidade se sustenta nos processos de interação social entre agricultores e coprodutores que são pautados em relações de confiança, de reciprocidade, de solidariedade, de amizade e de sentimento de pertencimento (LAMB, 1994; HENDERSON; VAN EM, 2007).

Dessa forma, assumimos no trabalho que a comunidade no contexto da CSA, pode ser entendida por uma palavra que se refere àquilo que é comum ou que possui aspectos similares no âmbito de relações solidárias e coletivas. Isso ilustra a relevância dos sentidos de comunidade para os seus membros e como ela é apropriada e representada por eles. A incorporação do “senso de comunidade” que cada membro possui, passa a contribuir para

avaliar suas percepções individuais e construir apontamentos para o campo do coletivo sobre a comunidade. A questão a ser evidenciada, que influencia a dinâmica organizativa e a participação das pessoas na CSA, é como cada um deles representa e significa essa comunidade.

### 3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Compreender a comunidade constituída por meio da CSA implica em perceber a maneira como as pessoas se apropriam e representam essa experiência. Isso fundamentou a escola da teoria das representações sociais como arcabouço de análise para identificar os elementos simbólicos que são expressos por meio de ações, gestos e palavras (escrita e oral) em um contexto social.

O conceito de representações sociais está intrínseco na sociologia e acentuado na antropologia, por meio do termo representação (ARRUDA, 2002). Segundo Horochovski (2004), Émile Durkheim foi o primeiro a apresentar esse conceito como uma forma de analisar a realidade coletiva, pois expressava os conhecimentos, as crenças e os sentimentos do grupo social. Durkheim (1978) elaborou o conceito de representações coletivas a partir das produções mentais sociais contidas nos objetos e práticas de seus estudos sobre a ideação coletiva. O autor afirma que “as representações coletivas traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam” (DURKHEIM, 1978, p. 16).

Tal conceito serviu de base para Serge Moscovici, responsável por aperfeiçoá-lo para o que hoje se conhece como representações sociais (JODELET, 2001). Moscovici (1978) partiu de uma perspectiva crítica, focado na maneira como os seres humanos tentam captar e compreender a realidade que os rodeia. É importante compreender que essa teoria parte de uma base analítica do “saber comum”, conforme a comunicação e interação que os indivíduos proporcionam dentro dos grupos sociais.

Para Jodelet (2001, 2002), uma das principais responsáveis pela exposição do tema atualmente, a representação social pode ser delimitada a partir de suas características fundamentais. Dentre elas: (i) representar é um ato de pensamento no qual o sujeito se relaciona com um objeto que pode ser real, imaginário ou místico; (ii) possui sempre um caráter imaginativo, a representação mental do objeto e a propriedade de deixar a sensação e a ideia, a percepção e o conceito que é reconstituído simbolicamente; (iii) trata-se de um caráter simbólico e significante; (iv) possui um caráter construtivo, que também se desdobra para o (v) criativo e autônomo da representação que abriga uma parte de reconstrução e interpretação do objeto e de expressão do sujeito.

A partir de suas características, a construção de pensamento permite inferir que a representação é mais do que a compreensão do significado de algo (ou alguém) para uma pessoa. Ela é o entendimento daquilo que se representa, dentro do contexto em que se está inserido. Por mais que pareça abstrato o entendimento do seu conceito, ele toma forma por ser ancorado em algo que precisa ser concreto (SÊGA, 2000).

Nesse mesmo sentido, Moscovici (2004, p.70) aponta dois aspectos que são abordados pela teoria das representações sociais: o primeiro diz respeito ao pensamento ou a percepção que não existem sem uma ancoragem. O segundo é o principal objetivo da ancoragem, que é

“simplificar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, em formar opiniões”.

Jodelet (2001, p. 18) afirma que a ancoragem assegura a incorporação social da representação, uma vez que “a ancoragem enraíza a representação e seu objeto em uma rede de significações que permite situá-las face aos valores sociais e dar-lhes coerência”. Nesse sentido, acredita-se que a representação dos membros da CSA está ancorada na experiência que esses sujeitos tiveram ao fazer parte desse sistema. Além disso, é preciso considerar nesse processo o contexto em que esses sujeitos estão inseridos, conforme afirma Pesavento (1995) só é possível elucidar a representação a partir da articulação texto/contexto.

Por esse motivo, há que se ponderar que por mais imersos que os sujeitos estejam na filosofia da CSA, outros sistemas alimentares coexistem e possivelmente fazem parte do cotidiano desses sujeitos, uma vez que a CSA oferta produtos específicos. Como exemplo, podem-se citar as redes de supermercado, onde as relações são mais impessoais e mediadas pela lógica do mercantilismo, ao compreender esses contextos que permeiam as representações, toma-se como orientação neste estudo o apontamento da Pesavento (1998) de não julgar a representação nem buscar a sua veracidade, mas sim compreendê-la “a partir de sua força, pelo seu grau de aceitação, socialização e capacidade mobilizadora” (PESAVENTO, 1998, p. 55).

Dessa maneira, a utilização da representação social no âmbito das CSAs em análise é um aporte teórico para compreender como a experiência é apropriada e representada pelos seus membros por meio de uma dimensão cognitiva que se desenvolve nas relações que são constituídas no grupo. Acredita-se que a percepção das pessoas sobre a CSA é um dos aspectos que poderá contribuir para desvelar a comunidade que é constituída, pois o princípio deste processo é justamente o entendimento da representação das pessoas sobre o grupo em que estão inseridos e, assim, seu engajamento comunitário.

#### **4 METODOLOGIA**

A natureza da pesquisa é qualitativa, que se caracteriza por ser desenvolvida no cenário natural daqueles que serão analisados, pois esse aspecto contribui para que o pesquisador obtenha um maior conhecimento das reais experiências ocorridas e uma maior interação com as pessoas (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, que se configura em um profundo estudo dos fatos, pois possibilita adquirir conhecimento da realidade e dos fenômenos pesquisados (YIN, 2001).

A presente pesquisa foi realizada em duas CSAs, localizadas no estado de MG. Ambas estão inseridas em um contexto de agricultura familiar desenvolvida no âmbito urbano, sendo que uma está localizada na cidade de Belo Horizonte, capital do estado, que se caracteriza por ser a primeira experiência do estado, sendo intitulada de CSA Nossa Horta. Essa experiência foi escolhida como objeto de estudo da presente pesquisa por se tratar de um grupo que realiza o processo de gestão de forma coletiva pelos coprodutores, sendo um aspecto sugerido para as experiências que se intitulam como uma CSA. A outra CSA analisada está localizada na cidade de Sete Lagoas, que se situa no colar metropolitano de Belo Horizonte (conjunto dos municípios adjacentes à região metropolitana), sendo intitulada de CSA Cesta em Domicílio. A principal característica dessa experiência é o seu formato organizacional de produção e fornecimento das cestas que se diferencia das CSAs que são comumente identificadas na literatura, pois o grupo

é gerido por agricultores que produzem em um mesmo espaço de horta comunitária urbana e trocam os seus produtos para atenderem ao grupo de consumidores da cidade. Os dois casos aqui analisados, portanto, são experiências que expressam naturezas e estruturas organizacionais distintas.

Os dados foram coletados utilizando-se as seguintes técnicas: i) entrevista semiestruturada; ii) questionário *online* (apenas na CSA Nossa Horta); e iii) observação participante. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado direcionado para os coprodutores e os agricultores. Durante o processo de realização das entrevistas, foi apresentado aos informantes um desenho do fluxo de atividades principais (comunitárias) do CSA, previamente mapeado pelos pesquisadores por meio de incursões empíricas anteriores. Os entrevistados foram questionados se ao visualizarem as imagens se sentiam participantes de cada uma das atividades principais (ou se se enxergavam integrados a elas), refletindo se estavam inseridos efetivamente na dinâmica comunitária CSA ou se estavam à margem destes processos.

No que compete ao questionário *online*, ressalta-se que ele foi enviado apenas para a CSA Nossa Horta devido ao seu expressivo número de coprodutores (em média 106). Quanto à CSA Cesta em Domicílio, optou-se por realizar apenas as entrevistas presenciais junto aos agricultores. Os coprodutores não foram entrevistados, pois com o encerramento da CSA não havia banco de dados disponível com o contato de e-mail e/ou WhatsApp dos coprodutores.

Quanto aos locais de coleta dos dados, na CSA Nossa Horta houve a participação da pesquisadora nos espaços de entrega das cestas, nas reuniões e no evento Mãos à Horta<sup>7</sup>. Na CSA Cesta em Domicílio os dados foram coletados na horta comunitária Vapabuçu durante o expediente de trabalho dos agricultores, e como não houve reuniões e eventos nessa CSA, não foi possível participar de nenhum desses espaços.

Quanto ao número total de entrevistados, na CSA Nossa Horta foi possível realizar a entrevista com 13 membros da CSA (entre agricultores e coprodutores), no questionário *online* houve a adesão de 28 coprodutores e foi possível construir um diário de campo a partir das observações nos espaços de reuniões e no evento Mãos à Horta. Na CSA Cesta em Domicílio, realizou-se a entrevista com 12 agricultores.

Para a análise dos dados utilizou-se o método de análise de conteúdo, que tem por objetivo enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas, extraindo conteúdos por trás da mensagem analisada. A análise de conteúdo possui duas funções básicas que na prática podem associar-se ou não, sendo elas: (i) função heurística que aumenta a prospecção à descoberta, enriquecendo a tentativa exploratória; e (ii) a função de administração da prova em que, pela análise, buscam-se hipóteses sob a forma de questões ou afirmações que serão as diretrizes para o método da análise sistemática que irá verificar se as hipóteses corroboram ou não por meio da prova (BARDIN, 1977). Assim, a utilização dessa técnica contribuiu para trazer à luz o que pareceu obscuro na mensagem em análise, possibilitando a descoberta de outros significados. A análise de conteúdo possibilitou agrupar os significados atribuídos à comunidade, enraizados

---

<sup>7</sup> Mãos à Horta é um evento realizado na fazenda do agricultor com objetivo de apresentar a realidade de trabalho do agricultor e promover a interação entre os membros. As atividades que compõem esse evento são as rodas de conversa, a partilha do café da manhã e o trabalho voluntário.

nas representações sociais dos informantes, e atribuir sentido a esta discussão, confrontando o material empírico com o arcabouço teórico mobilizado para esta pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 A CSA NOSSA HORTA

A primeira CSA no estado de MG foi organizada em dezembro de 2014 com a captação de 02 agricultores e 34 coprodutores, para que em janeiro de 2015 oficializasse a primeira entrega de cestas. No entanto, no final do ano de sua inauguração (2015), por divergências ideológicas, a CSA veio a se dividir em CSA Minas e CSA Nossa Horta, constituindo-se em duas experiências que permanecem ativas até o presente momento.

A principal divergência estava relacionada à estrutura e ao processo de gestão. Enquanto a CSA Minas possuía um único gestor e uma estrutura organizacional hierarquizada, a CSA Nossa Horta se organizou a partir de um núcleo gestor composto por cinco coprodutores, que nutriam como princípio uma relação horizontal com todo o grupo, em um ideal mais próximo de comunidade (OLIVEIRA, 2018). A decisão tomada se assemelha aos pressupostos de Henderson e Van En (2007), que afirmam que os núcleos gestores são importantes, porque a sua configuração contribui para um maior envolvimento dos coprodutores, indo além da questão mercadológica e fortalecendo o senso de comunidade nas CSAs.

A partir desta divisão, a CSA Nossa Horta se estruturou em 03 famílias de agricultores que estão localizadas em propriedades diferentes na região metropolitana de Belo Horizonte. Para os coprodutores que desejavam fazer parte da CSA (uma média de 106 coprodutores), foi realizada uma inscrição por meio de sua página na internet e gerada uma taxa de inscrição. Os valores das cestas são de acordo com o formato escolhido pelo consumidor, que pode ser a cesta familiar ou cesta individual, conforme o padrão: 2 folhas, 2 legumes, 2 raízes/tubérculos, 2 ervas/temperos, 1 fruta e 2 plantas alimentícias não convencionais (PANCs).

Ao analisar os princípios da CSA Nossa Horta, observou-se em seu estatuto que buscam ideais de comunidade ao integrar os consumidores como coprodutores, uma vez que há o incentivo para que estes conheçam a origem de seus alimentos, se relacionem com os agricultores e busquem constituir uma relação de confiança e reciprocidade com todo o grupo. Os agricultores, por sua vez, são incentivados no processo de produção a tornarem-se agroecológicos:

[...] A CSA é mais do que uma relação de consumo: além de receber produtos de qualidade, frescos e cultivados localmente, os coprodutores participam da vida do produtor, fazendo visitas à horta, conhecendo a família, entendendo suas expectativas e dificuldades. O que se busca é uma relação de confiança, que ultrapassa a relação puramente mercadológica (CSA NOSSA HORTA, 2019).

Apesar de registrado, o respectivo princípio ainda é um desafio na cultura dos envolvidos. Em sua assembleia realizada no dia 21 de setembro de 2019, foi debatido sobre como fazer com que os membros da CSA compreendam o que significa esse sistema no contexto econômico, político e social em que estão inseridos:

A CSA é uma peneira e vai ficando nessa peneira aquelas pessoas que se organizam para comer os produtos, cozinham em casa, mas não só cozinham e querem comer orgânico como também entenderam a proposta da CSA e é isso que temos que trabalhar. Nós estamos trabalhando aqui com um conceito de consumo que é uma revolução econômica, ambiental, política e para quem faz parte disso a pessoa não consegue mais comprar no sacolão porque ela se sente mal de estar financiando aquilo ali. Nós precisamos “vender” o valor da CSA, as pessoas precisam entender a ideia dela. Nós temos hoje pessoas que estão mais perto disso e outras que ainda não entenderam isso e a gente precisa fazer com que elas entendam (AGRICULTOR A, 2019).

Conforme a fala do agricultor, fazer parte da CSA está diretamente relacionado ao fato de compreender o que esse sistema significa e para que isso ocorra o grupo precisa se organizar em torno da ideia de integrar os membros aos pressupostos da CSA. Conforme afirmam McMillan e Chavis (1986), o sentimento de pertencimento e de importância para com os membros do grupo é o que define o senso de comunidade, que pode ser identificado com a participação nas atividades da CSA, da influência exercida no grupo e da integração e na conexão emocional compartilhada entre os membros.

Nesse contexto, é possível a integração dos membros na CSA se apresentar para alguns membros do grupo como um elemento para que haja o envolvimento e comprometimento em prol do grupo, o que pode contribuir para solucionar um problema integrador das CSAs – a rotatividade dos coprodutores:

O que eu estava falando é justamente sobre a importância das pessoas que estão na CSA compreenderem o que é o grupo, porque tem muitas pessoas saindo. No ano passado cada agricultor chegou a entregar 44 cestas por semana e hoje estamos entregando 27 e 28. Ai caiu bastante e agora que estamos voltando a aumentar (AGRICULTOR A, 2019).

O fato evidenciado pelo agricultor A, exemplifica que a falta de coesão no grupo pode contribuir para que os seus membros não se sintam pertencentes e responsáveis pelos demais participantes (agricultores e coprodutores), o que resulta na quebra do “contrato” simbólico firmado com a CSA. Portanto, conforme aponta Lamb (1994), a constituição da comunidade é o fator chave para garantir que a CSA se sobressaia frente aos seus desafios, pois ao sentir-se pertencente ao grupo os seus membros tendem a se envolver nos assuntos da CSA.

Em consonância, durante a pesquisa de campo, os respondentes foram orientados a expressar o que entendem e sentem pela CSA, para além da explicação da sigla e do seu funcionamento. Foi possível categorizar 2 tipos principais de representação da experiência CSA para os membros da CSA Nossa Horta (Tabela 01).

Tabela 1 – As representações sociais sobre a CSA Nossa Horta

<b>Representações</b>	<b>Total</b>
“Grupo de comercialização e consumo diferenciados”	24
“Uma Comunidade”	15

Fonte: Elaboração Própria, 2019

Identificamos entre os entrevistados que aqueles que representam a CSA como “uma comunidade”, são formados por coprodutores e agricultores que se envolveram de forma ativa na CSA ao participarem da, das assembleias e da colaboração junto à gestão. Para esses entrevistados, a CSA vai além de um grupo de comercialização.

A CSA pra mim é tudo, é segurança, é família, é compreensão, é entendimento, é tudo. Hoje eu não consigo me enxergar sem a CSA. Portanto eu acho que tudo que eu tenho hoje é por causa da CSA, por causa da horta, porque a CSA tem a questão do lado social também e se aqui fosse um serviço só de compra e venda qualquer eu já tinha ido embora daqui (AGRICULTOR B, 2019).

O agricultor B diz não consegue se enxergar sem a CSA, pois ela faz parte da sua trajetória de vida. A agricultura foi inserida como profissão para esse agricultor após a sua saída de uma casa de recuperação devido ao envolvimento com drogas. Com a sua adesão à CSA, o agricultor se sentiu acolhido pelo sistema que realiza atividades que aproximam agricultores e coprodutores por meio de uma relação de reciprocidade e amizade.

Portanto, para esse grupo a CSA é compreendida como uma comunidade porque há uma relação de convivência com os membros da CSA e com as suas atividades. Assim, acredita-se que essa representação está relacionada com o envolvimento com a CSA desenvolvido por esse grupo.

Pra mim a CSA é uma relação de muita proximidade, pra mim é muito importante saber como funciona a CSA e ter uma relação próxima com os agricultores. Eu acho que se eu não participasse da forma como participo, totalmente envolvida na gestão e em tudo, talvez eu já tivesse saído, porque esse envolvimento faz a gente ter uma visão e um entendimento completamente diferente da CSA, a gente vive uma relação comunitária de forma fraternal (COPRODUTORA D, 2019).

Hoje ao fazer parte da CSA tem muito mais significado para mim do que inicialmente quando eu só pesquisava sobre o assunto. Antes o conhecimento era muito voltado para a teoria em algo que eu acreditava, mas não sentia na prática e hoje em dia a CSA faz parte da minha rotina, ela faz parte de quem eu sou. Eu tenho os agricultores e as pessoas do grupo de gestão como amigos (COPRODUTOR M, 2019).

Conforme a fala dos coprodutores, o diferencial para esse grupo está na forma como se envolvem com a CSA, pois esse envolvimento culminará em como o membro representa a CSA. Ao se ancorar na experiência da participação efetiva no sistema, o membro passa a representá-lo como uma comunidade, pois esse sentimento é constituído a partir do acúmulo das experiências. Por esse motivo, quanto mais oportunidade o membro tiver de participar das atividades da CSA, maiores são as chances de o senso de comunidade ser constituído.

Uma vez que a literatura já aponta para a importância do envolvimento nas atividades do grupo (LAMB, 1994; HENDERSON; VAN EM, 2007). Contudo, este estudo possibilita compreender que essa participação vai além da fidelização do coprodutor, ela pode ser considerada como um dos pontos essenciais para as CSA, haja vista que – ao participar das atividades do grupo – pode contribuir para constituir o senso de comunidade, para fortalecer os vínculos simbólicos, e para garantir a manutenção do sistema.

Ademais, registramos também que há na CSA Nossa Horta um grupo composto por membros da gestão e alguns colaboradores que construíram uma forma de interação a partir de outro grupo que se mantém distante da CSA por não participarem das atividades – apenas recebem a cesta em domicílio. Os coprodutores que representam a CSA como um “grupo de comercialização e consumo diferenciados” se caracterizam por terem adentrado no sistema com o objetivo de consumir alimentos saudáveis, e a trajetória desses atores indica que eles não se envolveram de forma ativa, participando das assembleias e atividades do grupo e a relação com o sistema se dá superficialmente:

Eu não sinto que faço parte de uma comunidade. O que sinto aqui no grupo é uma relação de vir buscar o alimento no sábado, consumir e no próximo sábado vem buscar de novo. É uma relação de vem buscar, consome e vem buscar. Mas, eu acho que quem faz parte de um grupo como esse quer mais. Quer saber quem está produzindo, como é a produção, se tem cuidado com a natureza (COPRODUTORA H, 2019).

Eu me sinto em uma comunidade apenas com o pessoal com quem eu tenho mais interação que são as pessoas da gestão. Eu acho que o sentimento de comunidade possa existir por parte de alguns coprodutores, mas não é a maioria não. Até pelas pessoas da CSA não se conhecerem muito, eu acho que falta um pouco essa interação. Eu tenho para mim que nem todos têm essa concepção da CSA ser uma comunidade; Eu acho que tem muita gente que estabelece uma relação apenas comercial, uma forma de obter o alimento orgânico (COPRODUTORA C, 2019).

Portanto, nota-se que a abstenção em participar das atividades da CSA contribuiu para essa identificação, uma vez que esse distanciamento não possibilita o envolvimento dos membros nos ambientes que propiciam os vínculos que favorecem o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento ao grupo. Ao refletirem sobre a constituição da comunidade na CSA, os membros do núcleo gestor apontam que o grupo precisa se mobilizar para conscientizar os integrantes sobre o que é uma CSA.

Eu acho que o auge da consciência do coprodutor é quando ele faz parte realmente de uma comunidade e quando ele entende a questão social de fazer parte de uma comunidade que ele tá apoiando um grupo de famílias rurais em que ele está promovendo a geração de renda, a sustentabilidade no meio rural e toda essa questão social. Tudo isso vai além do consumir orgânico pensando na própria saúde é pensar no todo – na comunidade (AGRICULTOR A, 2019).

Eu acho que a questão da conscientização das pessoas sobre a CSA que falamos também na assembleia, ela está ligada com a questão da comunidade, mas acho que também está ligado com a importância das pessoas entenderem o que é a CSA, acho que isso é um desafio – gerar a conscientização da importância da CSA e o que ela significa (COPRODUTORA D, 2019).

A partir da fala da coprodutora, acredita-se que o acesso a esse conhecimento poderá contribuir para que os membros se identifiquem com o sistema e criem laços com os seus princípios, de modo que compreender o significado da CSA em suas vidas pode facilitar a constituição do sentimento de pertencimento (KOURY, 2010). Dessa maneira, além do conhecimento sobre a CSA é necessário conhecer quem são os seus membros, já que outro aspecto do fortalecimento das relações sociais entre os seus membros interfere na conexão com o sistema e na forma como ele é representado.

A estratégia utilizada pelo núcleo gestor para que os membros desenvolvam relações de solidariedade e cooperação, ocorreu a partir do evento Mãos à Horta que é realizado na fazenda de produção do agricultor.

A CSA tem a proposta de ter um programa chamado Mãos à Horta que é um programa em que os agricultores recebem as pessoas na horta para eles conhecerem de perto a produção, a família e como os produtos são produzidos e entender os desafios para produzir. Porém, ainda tem muita pouca interação entre os consumidores e os produtores. No mãos à horta a participação das pessoas ainda é muito pouca, vão apenas em torno de 15 a 20 pessoas em um grupo de 100 famílias (AGRICULTOR A, 2019).

No entanto, assim como as assembleias e reuniões possuíam poucos adeptos, o evento Mãos à Horta ainda abarcou poucos coprodutores, o que parece dificultar a constituição de relações sociais mais sólidas e sentimento de pertencimento ao grupo. Ao representar a CSA como um “grupo de comercialização e consumo diferenciados” os membros assumem uma relação com o sistema que pode explicar a alta rotatividade entre os envolvidos, o que apresentam dificuldades no sustento de uma agricultura, quando as dimensões da oferta e demanda tende a reproduzir as mesmas relações de uma economia mercantil, a que se tenta contrapor.

Pode-se observar que as representações identificadas tendem a determinar a maneira como os membros se envolvem e interagem com a CSA. Quanto mais o membro se aproxima ou distância das atividades do sistema, mais a representação é reforçada pelas experiências vividas ou pela ausência delas. Portanto, ao compreender como os membros representam a CSA pode-se identificar elementos que precisam ser reforçados para que se constitua a comunidade, no caso analisado o envolvimento e participação nas atividades da CSA é um dos fatores.

## 5.2 A CSA CESTA EM DOMICÍLIO

A CSA Cesta em Domicílio surgiu de uma iniciativa dos agricultores da Horta Comunitária Vapabuçu e do apoio institucional da Universidade Federal de São João Del Rei-Campus Sete Lagoas (UFSJ-CSL), em parceria com a Prefeitura Municipal e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater). Suas motivações vieram de um contexto singular: a cidade de Sete Lagoas possui sete hortas comunitárias, implementadas a partir de 1982 por meio de uma política pública da Prefeitura Municipal (CARVALHO et al, 2009).

Apesar da relevância econômica e social das hortas comunitárias, elas enfrentam desafios, principalmente no âmbito do escoamento da produção. Neste contexto, com o intuito de contribuir para o enfrentamento dos limites e desafios dos agricultores, houve a implantação da CSA Cesta em Domicílio no dia 02 de setembro de 2015 e a primeira entrega de cestas foi realizada no dia 17 do mesmo mês. Durante o seu funcionamento, o sistema foi composto por uma média de 18 agricultores (as) que forneciam 50 cestas semanais (composta por 08 itens, sendo 04 folhosas e 04 raízes tuberosas, tubérculos e bulbos que os consumidores podem escolher).

A organização para o funcionamento da CSA foi realizada exclusivamente pelos agricultores que se reuniam semanalmente nas dependências da horta para discutir sobre a organização do grupo. Por um lado, isso resultou em um aspecto positivo no início da CSA por meio do fortalecimento das relações entre os agricultores, por outro, colocou os consumidores distantes da gestão e do consequente senso de comunidade que sustenta a agricultura. Na visão de um dos docentes da UFSJ-CSL, que participou da implantação da CSA.

Um dos equívocos na extensão universitária exercida pela Universidade foi a ênfase exclusiva nas demandas e suporte da gestão para os produtores, esquecendo que a outra ponta da cadeia produtiva, aqueles que compram, eram tão importantes no processo formativo quanto quem produzia (Diário de Campo, 2018).

O docente acrescentou que o “descuido” no trabalho de formação da filosofia da CSA, se deu em vista do perfil inicial dos consumidores. Os primeiros participantes eram docentes, técnicos administrativos e discentes da UFSJ-CSL das áreas de Ciências Agrárias, pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Milho e sorgo, funcionários da Emater e da Prefeitura, que conheciam a dinâmica da produção agrícola. No entanto, com a expansão da CSA pela cidade e região, e a respectiva entrada de novos consumidores que não conheciam a filosofia da CSA, reproduziu em relações de compra e venda, sem assumirem as responsabilidades enquanto coprodutores.

As configurações desta relação foram expressas simbolicamente nas etimologias utilizadas na CSA Sete Lagoas. A expressão coprodutores (que trata de uma relação íntima entre comunidade e agricultura) não fazia parte do vocabulário dos membros, se restringindo ao uso de consumidores solidários, que se sensibilizavam com a importância de comprar dos pequenos agricultores em detrimento das grandes redes de supermercado.

Esta decisão, de não trazerem os consumidores para o centro da gestão, gerou ainda um problema de sobrecarga nos agricultores, uma vez que além de produzir, tinham que gerenciar a divulgação, confecção e entrega das cestas semanais, o que ao longo do tempo, centralizou-se apenas em um grupo gestor (03 agricultores):

No começo de tudo, quando nós não tinha o entregador ainda e eu tava entregando as cestas, eu lembro que toda semana ia uma pessoa diferente. Mas aí pouco tempo depois o agricultor A tomou a frente e isso sobrecarregou demais, ele sempre ia fazer as entrega sozinho, resolvia tudo pra todo mundo [...] (AGRICULTOR B).

Eu acho que a entrega era difícil, não era todo mundo que tinha a disponibilidade para ir entregar as cestas, então sobrava só para o agricultor A e o agricultor F que ia toda semana e isso sobrecarrega demais (AGRICULTORA D).

Outro aspecto limitante da organização foi a centralização das atividades da CSA apenas no grupo gestor. Isso acabou resultando em perdas financeiras para o grupo devido à inadimplência de alguns coprodutores.

Eu lembro que quando a gente teve conhecimento da CSA era pra receber adiantado e teve um agricultor que não deixou. Ele disse que a gente não ia dar conta, ele é mais velho e todo mundo fica querendo respeitar ele, mas isso foi ruim demais pra nós, gerou tantos problemas até de gente saindo sem pagar. Mas eu depois de um tempo que eles viram que a gente dava conta queriam receber adiantado, mais ai já não dava mais né, já tava todo mundo acostumado a pagar depois (AGRICULTOR B, 2019).

A opção de não receber os valores adiantados das cestas, com o “medo” de não honrar os compromissos, pode estar ligado a fatores de baixa estima ou da cultura próxima aos laços de confiança não formais. Contudo, as consequências do não financiamento foram graves para o grupo, uma vez que não fortaleceram o sentido da comunidade que sustenta a agricultura, além de romper laços de confiança diante de inadimplências. Não é por menos que a experiência do pagamento ao final do mês vivenciada pelos agricultores da CSA Cesta em Domicílio reforça o que a literatura aponta sobre a importância do pagamento antecipado para garantir o financiamento da produção e a seguridade para o agricultor (COOLEY; LASS, 1998; CASTELO BRANCO, et al., 2011).

Somado esses fatores, o perfil dos agricultores era de uma faixa etária entre 50 a 70 anos entre homens e mulheres, que possuíam dificuldade para acesso à internet, em vista do baixo

nível de escolaridade. Desta forma, eles encontravam dificuldades de comunicação com os coprodutores, os quais semanalmente realizavam os seus pedidos junto aos agricultores, o que exigia a mobilização do grupo gestor da CSA para fazer a ponte entre o coprodutor e o agricultor.

A única coisa que me deixou chateado no grupo foi a agricultora que ficou com raiva de mim porque a cliente dela quis trocar de agricultor e quando eu fui falar com ela, ela não gostou. Eu não tive culpa, estava fazendo o meu papel na CSA. Era muito difícil com essa agricultora, eu me desdobrava por ela, pra pegar os pedidos dos clientes dela toda semana e passar pra ela (AGRICULTOR A).

Esse fato evidencia que as falhas na comunicação trouxeram desentendimentos para o grupo. Ao quebrarem o elo de confiança entre os agricultores, culminou-se na sua ruptura. Além disso, o senso de pertencimento ao grupo também foi um elemento construído no início da CSA, mas que se perdeu em meio aos acontecimentos, conforme a seguinte fala:

No início as pessoas se sentiam pertencentes ao grupo, mas com o passar do tempo esse sentimento foi mudando e eu acredito que seja porque com o tempo as coisas vão se desgastando, por isso é importante que seja trocada a liderança, pra ir renovando as coisas. Mas, quando fizemos isso ninguém mais quis estar à frente, só queria escorar em mim e no outro agricultor que tomou a frente e depois de nós ninguém mais quis (AGRICULTOR A, 2019).

A contextualização apresentada é um fator importante para se compreender como a CSA Cesta em Domicílio é representada por seus agricultores. Pode-se observar na trajetória apresentada que houve muitos percalços entre a constituição do grupo até o seu encerramento, no qual pode-se destacar: i) o objetivo inicial do grupo focado no escoamento da produção; ii) o fortalecimento dos laços solidários; iii) a decisão de receber o pagamento ao final do mês; iv) a centralização da gestão; v) os casos de inadimplência; vi) a sobrecarga das atividades; e por fim, o encerramento do grupo.

De maneira geral, a representação dos agricultores está ancorada nas experiências que estes tiveram com a CSA, portanto, os fatos apresentados até aqui são importantes para o entendimento das representações identificadas na pesquisa, conforme a tabela 02.

Tabela 2 – As representações sociais sobre a CSA Cesta em Domicílio

Representações	Entrevistados
“Grupo de comercialização”	07
“Grupo com comercialização diferenciada”	05

Fonte: Elaboração Própria, 2020.

Durante as entrevistas verificou-se que os agricultores enxergavam a CSA a partir da oportunidade que o sistema proporciona para o escoamento da produção. Contudo, alguns agricultores também identificaram outros aspectos que consideravam significativos na CSA, o que resultou em duas representações – “Grupo de comercialização” e “Grupo com comercialização diferenciada”.

No que se refere à representação da CSA como um “grupo de comercialização”, os agricultores expressavam durante as entrevistas que a CSA era para eles a oportunidade de vender os seus produtos com segurança. Ao serem questionados sobre o sentido da CSA, vários agricultores deram a mesma resposta: “Uma oportunidade de vender mais produtos, de

umentar a renda e de ter segurança financeira” (AGRICULTOR G, 2019). Mas porque esse era o sentido único da CSA para vários entrevistados?

A representação como um “grupo de comercialização” está atrelada ao contexto histórico em que a CSA foi implantada, no qual os agricultores estavam focados na perspectiva de vendas, conforme as seguintes falas: “É uma oportunidade de crescimento, de vender os produtos, de aumentar a renda. Eu vejo que as cestas é uma forma de agregar valor ao nosso produto” (AGRICULTOR I, 2019). “Era bom quando dava tudo certo nas entregas e eu recebia o dinheiro certinho, era bom participar para vender os produtos e não ter perdas” (AGRICULTOR C, 2019).

Para esses agricultores a CSA era compreendida apenas como um canal de comercialização que contribuía para que pudessem escoar os produtos, diminuir as perdas e aumentar a renda. Porém, constatou-se que outro grupo de agricultores enxergava outros sentidos na CSA para além da comercialização, o que resulta em outra representação da CSA, como um “grupo com comercialização diferenciada”, conforme a seguinte fala:

Entregar as cestas significa uma renda a mais e você planta os alimentos que você sabe que está ajudando a comunidade a preservar a saúde é uma coisa boa. A gente sabe o que planta, as coisas que coloca e isso é muito importante, porque não podemos pensar só na gente, temos que pensar no outro também (AGRICULTORA D, 2019).

Além de trazer uma renda a mais, a CSA significava a união dos agricultores, uma nova forma de conviver na horta, de trabalharmos juntos, de crescermos juntos (AGRICULTOR A, 2019).

Diferente dos agricultores que representam a CSA como um grupo de comercialização e só enxergavam a oportunidade de venda da produção, havia outros agricultores que identificaram no sistema outros significados, como a constituição do relacionamento entre os agricultores através da união, da confiança, da amizade e da parceria que era cultivada diariamente nas atividades do grupo. Esses agricultores se caracterizam pelo seu engajamento no processo de implantação da CSA e na participação na execução das atividades.

Nesse sentido, a representação da CSA pelo viés da comercialização passa a ser diferenciada (“Grupo com comercialização diferenciada”), pois os sentidos e significados que os agricultores atribuíram a ela ganham um patamar para além da relação de produção-comercialização. Alguns agricultores conseguiram identificar que o sistema possuía elementos que os conduzia a um espaço de interação que proporcionou (por um período) a constituição e fortalecimento das relações. Inclusive, para esse grupo, registrou-se um senso de comunidade na organização, característico das fases iniciais da CSA:

Por incrível que pareça as pessoas começaram a interagir na CSA. Quando tem as reuniões da associação as pessoas mal participam e quase nunca vão às reuniões. Já na CSA as pessoas eram muito presentes nas reuniões e essa união era um momento de grande interação entre o grupo, era muito bom ver todo mundo presente na reunião (AGRICULTOR A).

Enquanto fazia reunião era bom. Depois que começou a distanciar a reunião, como que eu falo. Aí hoje eu vejo igual a um bando de bicho correndo de um lado pro outro na selva e sem saber o que fazer e distanciando um do outro. Então a reunião era o que unia e é era muito bom (AGRICULTOR B, 2019).

Durante um período os agricultores puderam experimentar o ápice da união, da reciprocidade e da cooperação entre eles, conforme a seguinte fala: “Eu sentia que fazia parte de uma comunidade, que a gente se envolvia um com o outro e isso principalmente nas trocas dos produtos” (AGRICULTOR J, 2019). Sendo assim, o senso de comunidade se constituía na medida em que os agricultores participavam das reuniões, pois como esse espaço se caracterizava como um momento de interação e convívio, os agricultores compartilhavam experiências e fortaleciam os laços sociais. Contudo, esse sentimento não era comum a todos: “Eu sentia que as pessoas eram muito individuais, eu tive o abraço de alguns, mas também senti o chute de outros. Então esse sentimento de comunidade eu não via em todo mundo” (AGRICULTOR H, 2019).

As entrevistas evidenciaram que os agricultores estavam imersos em distintas maneiras de se relacionar. Assim, com o passar do tempo teve-se um segundo momento vivido pelos agricultores, que se refere às mudanças sofridas na CSA, como a diminuição das reuniões e a intensificação das trocas de produtos para compor as cestas, sendo que esses elementos vieram acompanhados de novas maneiras de se relacionar. Estas podem ser caracterizadas pelo maior distanciamento, pela dependência e sobrecarga das atividades, o que culminou no encerramento da CSA às vésperas de completar cinco anos de existência.

A justificativa dos agricultores para encerrar o grupo foi a demanda de tempo destinada às atividades de gestão que tem sido realizada de forma solitária pelo atual gestor do grupo. Na reunião de encerramento, os poucos agricultores presentes optaram por se absterem em qualquer contribuição para a gestão, o que culminou, definitivamente no fim da união dos agricultores na CSA. Atualmente, estes ainda fornecem a cesta de produtos para os consumidores, devido à sua insistência em continuar a receber os produtos, mas os agricultores não possuem mais o apoio do grupo para a composição da cesta, não há mais reuniões e as entregas são feitas de forma individual.

Os resultados da pesquisa evidenciam que as representações identificadas – “grupo de comercialização” e “grupo com comercialização diferenciada” – foram determinantes para a maneira como os agricultores se relacionaram na CSA. Aqueles que enxergavam apenas o grupo de comercialização, acabaram permanecendo distantes, ao passo que os agricultores que sinalizaram para o “diferenciado” foram aqueles que se envolveram com o grupo e suas atividades. Essas representações mostram que a maneira como o membro é integrado ao grupo pode ser um fator determinante para o sucesso ou fracasso do sistema. Por isso, quanto mais o membro for envolvido na CSA junto aos seus pressupostos; atividades em grupo; relações de amizade e reciprocidade podem contribuir para que este se sinta pertencente a uma comunidade e integrado na finalidade de sustentar a agricultura.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como objetivo analisar se as experiências de CSA resultam na constituição de uma comunidade para os seus participantes. A partir da lente teórica do conceito de Representações Sociais, foram analisadas as CSAs “Nossa Horta” e “Cesta em Domicílio” localizadas nas cidades de Belo Horizonte e Sete Lagoas, respectivamente. Os resultados da investigação qualitativa indicaram duas realidades organizacionais distintas, que, no entanto, confluíram para lógicas similares de representações.

Os achados indicaram que, enquanto a CSA Nossa Horta trouxe, desde a sua fundação, um ideal de comunidade e era marcada por muitos coprodutores na gestão, as particularidades da CSA Cestas em Domicílio foram oriundas de um histórico de políticas públicas na área de agricultura. Se isso potencializou um elevado número de agricultores e conseqüente maior oferta de alimentos agroecológicos, no entanto, não veio acompanhada de uma organização de cunho comunitário. Logo, a experiência se limitou a colocar na centralidade do trabalho apenas os agricultores, mantendo os coprodutores como meros consumidores dos produtos agroecológicos. Portanto, as trajetórias distintas resultaram em diferentes configurações sociais e institucionais na sustentação da experiência e confluíram para construir representações sociais igualmente diferentes sobre a CSA, impactando seu futuro.

É importante sublinhar que a CSA Nossa Horta também apresentou um grupo de coprodutores que se situavam apenas como consumidores, e limitavam-se as relações de troca, pautadas na aquisição e pagamento das cestas semanais. No entanto, o conceito de comunidade era algo presente no estatuto e debatido entre aqueles que faziam parte da gestão, ao ponto de criarem estratégias para aumentar a participação dos coprodutores. Já no caso da CSA em Domicílio, a própria dinâmica adotada, que sobrecarregou os agricultores com a dupla jornada de produção e gestão, se tornou um limitante para realizarem reflexões sobre a organização, e assim criarem mecanismos que estreitassem os laços solidários entre os envolvidos.

Apesar das diferenças entre as organizações, as duas confluíram para semelhanças nas representações sociais, uma vez que aqueles membros que se colocaram como gestores, colaboradores e/ou participaram de seus espaços coletivos – como as assembleias, reuniões, eventos sociais, atribuíram um significado a essa experiência que vai ao encontro de um conceito de comunidade entre os envolvidos.

Mesmo no caso da CSA em Domicílio, que chegou ao seu fim, foi relatado que nas fases iniciais da organização, quando os agricultores se reuniam semanalmente e dividiam coletivamente o trabalho, havia um sentimento de comunidade. Em situação oposta, foi possível notar também nas duas organizações que aqueles membros à margem da gestão, que conheciam pouco os demais participantes, representaram a experiência como um grupo de comercialização, no máximo diferenciado, mas sem atribuir os sentimentos de comunidade, presente no primeiro grupo.

Os resultados parecem corroborar com as teorias que sustentam que o sentimento de pertencimento, o fomento de relações solidárias e de confiança são elementos constituintes do conceito de comunidade. Isso foi identificado por meio da participação nas atividades da CSA, da influência exercida no grupo e da integração e na conexão emocional compartilhada entre os membros.

Merece, ainda, destacar as possíveis inferências entre os resultados econômicos e a relação com o senso de comunidade. Ficou evidente nas duas organizações, que apesar, das múltiplas variáveis que afetam a sustentabilidade, a dimensão comunidade parece ter um peso nos seus resultados econômicos.

Apesar de as organizações serem marcadas por limites referentes à rotatividade de membros e a conseqüente dificuldade de financiamento à agricultura, no caso da CSA em Domicílio, cujas relações de cooperação e confiança se enfraqueceram mais, as perdas econômicas foram maiores do que a CSA Nossa Horta, levando, assim a própria extinção. Isso

pode reforçar os estudos da literatura que exploram os conceitos de comunidade e a sua relação para a sobrevivência em mercados competitivos e excludentes.

Mesmo no esforço de se buscar contribuições, a presente pesquisa possui limitações, tendo em vista que os fenômenos investigados se referem a duas experiências de CSA do estado de Minas Gerais. Logo, o esforço não serve como parâmetro nacional, mas como um aspecto de reflexão sobre a comunidade que é constituída pela CSA e que carece de novas pesquisas com esse enfoque.

Este trabalho evidenciou a necessidade de explorar em novas pesquisas os tipos de relações sociais que os membros de outras experiências de CSA constituem para que se possa investigar os limites e possibilidades de tais aspectos no que compete a organização, funcionamento e integração dos membros. Identificar estratégias utilizadas pelas CSAs para envolver os membros em torno das atividades do grupo é um elemento importante e que poderá contribuir para a área ao trazer à tona possibilidades de coesão do grupo para que não ocorra sobrecarga de trabalho nos membros mais engajados. Esses aspectos poderão contribuir também para identificar como a comunidade é constituída em outras CSAs e se possuem fatores semelhantes como os identificados nessa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Â. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.

ATTRA. **National Sustainable Agriculture Information Service**. 2006. Disponível em: <https://attra.ncat.org>. Acesso em: 3 fev. 2019

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOUGHERARA, D.; GROLLEAU, G.; MZOUGH, N. Buy local, pollute less: What drives households to join a community supported farm? **Ecological Economics**, New York, v. 68, n. 5, p. 1488-95, 2009.

CARVALHO, E; TEIXEIRA, A; FRANÇA E. As hortas comunitárias urbanas de Sete Lagoas, MG. In: CONGRESSO PAN-AMERICANO DE INCENTIVO AO CONSUMO DE FRUTAS E HORTALIÇAS PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE, 5., 2009, Brasília (DF). **Anais [...]**. Brasília, 2009.

CASTELO BRANCO M. et al. Agricultura apoiada pela comunidade: poderia a experiência dos agricultores americanos ser útil para os agricultores urbanos brasileiros? **Horticultura Brasileira**, v. 29, p. 43-49, 2011.

COOLEY J. P; LASS D.A, F. Consumer benefits from Community Supported Agriculture Membership. A comparison of CSA share versus retail produce value. **Review of Agricultural Economics**, v. 20, p. 227-237, 1998.

CSA BRASIL. **Comunidade que Sustenta a Agricultura**, 2017. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/category/publicacoes>. Acesso em: 05 set. 2018.

CSA BRASIL. **Comunidade que Sustenta a Agricultura**, 2018. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/>. Acesso em: 16 fev. 2019.

DELIND, L; FERGUSON, A. Is this a women's movement? The relationship of gender to community-supported agriculture in michigan. **Human Organization**, Summer, v. 58, n. 2, p. 190-200, 1999.

DURKHEIM, E. Introdução e conclusão. In: DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 203-245.

ECKERT, D.; MEIRA, F. B. **A mercantilização em contramovimento: relações de reciprocidade e coesão social na agricultura sustentada pela comunidade em Minas Gerais**. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

FRIEDMANN, H. The political economy of food: a global crises. **New Left Review**, London, n. 197, 1993.

GROH, T.; MCFADDEN, S. Farms of tomorrow revisited: community supported farms: farm supported communities. Kimberton, PA: **Biodynamic Farming and Gardening Association**, 1997.

GUZZATTI et al. Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: Perspectivas recentes no Brasil e na França. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 3, p. 363-375, 2014.

HENDERSON, E.; VAN EN, R. **Sharing the harvest: a citizen's guide to community supported agriculture**. 2. ed. Vermont: Chelsea Green Publishing Co., 2007.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 92-106, jan./jun., 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, p. 17-44, 2001.

JODELET, D. D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

KOURY, M. G. P. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. **Revista Etnográfica**, v. 14, n. 1, p. 27-58, fev. 2010.

LAMB, G. Community supported agriculture can it become the basis for a new associative economy? **The Threefold Review**, 1994.

- LANG, K. B. The changing face of community-supported agriculture. **Culture & Agriculture**, v. 32, n. 1, p. 17-26, 2010.
- LEANDRO, J. B. Comunidade: uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman. **Kairós Revista Acadêmica da Prainha**, v.5, n.1, p.156-162, jan-jun. 2008.
- MCFADDEN, S. **Community farms in the 21st century: poised for another wave of growth?** Kutztown, PA: Rodale Institute, 2004. Disponível em: <http://newfarm.rodaleinstitute.org/features/0104/csa-history/part1.shtml>. Acesso em 07 set. 2018.
- MCMILLAN, D. W.; CHAVIS, D. M. Sentido de comunidade: uma definição e teoria. **Jornal de psicologia comunitária**, v. 14, n. 1, p. 6-23, 1986.
- MELO, A. M.; FREITAS, A. F.; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, p. 82-99, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26767/coloquio.v17i2.1663>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- O'HARA, S. U; STAGL, S. Endogenous preferences and sustainable development. **The Journal of Socio-Economics**, v. 31, n. 5, p. 511-527, 2002.
- OLIVEIRA, F. A. **Comunidade que sustenta a agricultura: entendendo as CSAS de Belo Horizonte e analisando suas possibilidades e desafios**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.
- PERÉNYI, Z. et al. **Be part of CSA! Supporting Booklet for Training on Community Supported Agriculture**. Published in 2016 as part of the Be part of CSA! international project that was funded by the European Union under the Erasmus. 2016. Disponível em: [http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet\\_2016\\_eng.pdf](http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet_2016_eng.pdf) Acesso em: 01 ago. 2019.
- PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, no 29, 1995. Disponível em: [http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=14](http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14). Acesso em: 19 nov. 2020.
- PESAVENTO, S. Catarina come gente. **Imaginário - USP**, n. 4, p. 48-58, 1998.
- POHLMANN, H. Homem ocidental-homem oriental: community supported agriculture como escultura social. **Palíndromo**, v. 4, n. 8, 2013.
- POLE, A., GRAY, M. Farming alone? What's up with the "C" in community supported agriculture. **Agriculture and Human Values**, v. 30, n. 1, p. 85-100, 2013.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, 2000.

SWISHER, M. E., et al. **¿Qué es una granja apoyada por una alianza de consumidores?** Family Youth and Community Sciences, Servicio de Extensión Cooperativa de la Florida, Instituto de Alimentos y Ciencias Agrícolas, Universidad de la Florida, 2012.

TORRES, C. L. **Comunidade que sustenta a agricultura**: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2017,

TRICHES, R. M.; SCHNEIDER, S. Alimentação, sistema agroalimentar e os consumidores: novas conexões para o desenvolvimento rural. **Cuadernos de desarrollo rural**, Bogotá, Colombia, v. 12, n. 75, p. 55-75, enero/jun. 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-173.

URGENCI. **The International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: Urgenci, 2010. Disponível em: <https://urgenci.net/csa-history/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

URGENCI. **The International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: Urgenci, 2017. Disponível em: <https://urgenci.net/vision-and-mission/>. Acesso em: 28 maio 2018.

WELLS, B; GRADWELL, S. Gender and resource management: Community supported agricultura as caring-practice. **Agriculture and Human Values**, v. 18, n. 107-119, 2001.

WILKINSON, John. Os gigantes da indústria alimentar entre a grande distribuição e os novos clusters a montante. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2002.

YAMAMOTO, A. **Por que continuamos juntos?** Reciprocidade, mudança cultural e relações de poder entre o urbano e o rural. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.